

IDENTIDADE E FICÇÃO CIENTÍFICA: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM VIÚVA NO CONTO *O CARIOCA* (1960), DE DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ

IDENTITY AND SCIENCE FICTION: AN ANALYSIS OF THE WIDOW CHARACTER IN *O CARIOCA* (1960), BY DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ

Naiara Sales Araújo Santos¹
Jucélia de Oliveira Martins²

RESUMO: O imaginário do ser humano cria múltiplos cenários nos quais a existência dos produtos da tecnologia em nosso convívio resultará na possibilidade de diversos problemas, fazendo assim que o homem esteja em estado de constante vigilância em sua presença. A tecnofobia vai bem além do mero medo desmotivado pela tecnologia, ela é um discurso que constrói uma imagem negativa sobre a tecnologia, consolidando-se através de acontecimentos históricos. O presente estudo pretende investigar a presença de tecnofobia ou tecnofilia nas palavras e atitudes da personagem *viúva*, no conto *O carioca* da escritora paulista Dinah Silveira de Queiroz. Neste conto é apresentado o relacionamento entre uma viúva e um roboticista, demonstrando como se desenvolve a convivência entre a primeira e os seres artificiais criados pelo companheiro. Como suporte teórico, utilizar-se-ão principalmente as proposições de pesquisadores e críticos como Alberto Cupani (2017), Edward Tenner (1997), Isaac Asimov (1984), Stuart Hall (2006) e outros.

Palavras-chave: Literatura; ficção científica; identidade; tecnofobia.

ABSTRACT: The Human being imaginary creates multiple scenarios in which the existence of technology products on our conviviality may result in several problems, leading man to a constant vigilance in its presence. Technophobia is a fear based on a negative speech about technology, being established through historic events. On this perspective, the present a study aims to investigate the technophobia or technophile presence on words and attitudes of the widow character in the tale *O Carioca* by the Paulist writer Dinah Silveira de Queiroz. This tale presents a relationship between a widow and a roboticist and demonstrates how the conviviality is developed between the woman and the artificial being created by her partner. As theoretical basis it will be mainly used the proposals of researchers and critics as Alberto Cupani (2017), Edward Tenner (1997), Isaac Asimov (1984), Stuart Hall (2006) and others.

Keywords: Literature; science fiction; identity; technophobia.

1 Introdução

Quando alguém assume uma posição, está, simultaneamente, negando outras nas quais

¹ Doutora em Literatura Comparada. Professora do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão-UFMA.

² Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, Pesquisadora bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão-FAPEMA.

poderia estar inserido, por isso as noções de identidade e diferença são estreitamente relacionadas. É por meio das atitudes e do teor do discurso de um indivíduo que se torna possível visualizar de forma mais nítida a manifestação das identidades assumidas pelo sujeito em dado contexto histórico, e até mesmo compreender como um mesmo sujeito pode assumir uma identidade que é totalmente contraditória à outra adotada anteriormente.

O presente artigo pretende investigar como a identidade tecnofóbica ou tecnofílica se apresenta no discurso literário da personagem *viúva*, no conto *O carioca* (1960) da escritora paulista Dinah Silveira de Queiroz. Neste conto é apresentado o relacionamento entre uma viúva e um roboticista, demonstrando como se desenvolve a convivência entre a primeira e os seres artificiais criados pelo segundo, além de sua repercussão na vida da protagonista.

2 Pós-modernidade e identidade

Ao tentar traçar um marco histórico do início da pós-modernidade, o escritor paranaense Jair Ferreira dos Santos, no livro *O que é pós-moderno*, afirma que: “Pós-modernismo é o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes, e nas sociedades avançadas desde 1950, quando, por convenção, se encerra o modernismo (1900 - 1950).” (1986, pp.7-8). Ainda segundo este autor, a pós-modernidade teria nascido com o advento da computação nos anos 50 e com as mudanças tecnológicas e científicas geradas por este acontecimento.

À partir da década de 50, conhecida popularmente como a dos *Anos Dourados*, a evolução tecnológica intensificou o processo de globalização encurtando as distâncias, derrubando antigas fronteiras ideológicas para abrir espaço as novas que surgiam e aumentou-se exponencialmente o consumo de bens cuja utilidade era transitória, pois sempre havia algo mais rápido e mais eficiente sendo lançado. A pós-modernidade é marcada por mudanças (em todos os aspectos da vida dos indivíduos), que a aceitam em nome de não fracassar diante do progresso, conforme dispõe o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2003):

O progresso, em suma, passou do discurso da melhoria compartilhada da existência para o discurso da sobrevivência pessoal. Ele não é mais pensado no contexto de um desejo de velocidade, mas de um esforço desesperado para não sair fora do caminho e evitar a desqualificação e a exclusão da corrida. Pensamos em “progresso” não no contexto de elevar nosso status, mas de evitar o fracasso.

[...]

O tempo realmente passa, e o truque é manter o mesmo ritmo dele. Se você não quer afundar, deve continuar surfando, ou seja, continuar mudando, com tanta frequência quanto possível, o guarda-roupa, a mobília, o papel de parede, a aparência e os hábitos - em suma, você. (BAUMAN, 2013, p.19)

O homem, para não se sentir à margem nessa sociedade profundamente alterada pelos avanços tecnocientíficos, teve que adaptar a um mundo em constante mudança, repleto de crenças instáveis, tornando-se um sujeito que assume diferentes posições conforme o momento histórico que vivencia e a situação em que está inserido. Portanto, os indivíduos começam a assumir múltiplas identidades, diante da necessidade que se mostra mais premente em dado momento. Segundo o sociólogo inglês Stuart Hall (2006):

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. (...) O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. (HALL, 2006, p.12 e 13).

O que Hall denomina como sujeito pós-moderno não seria, portanto, o indivíduo que possui uma identidade definida e imutável com caráter de *definitividade*, mas sim o oposto, aquele que, de certa forma, influenciado pelo momento histórico em que vive, e buscando se adaptar (e se encontrar) em meio às mudanças estruturais e institucionais, tão comuns ao nosso tempo, assume determinadas identidades (posições) culturais temporárias e instáveis, que sejam convenientes à situação em que este sujeito gostaria de se inserir. E justamente ao optar pela adoção de uma posição, diante de determinado momento fático, o sujeito está expressando de forma inconsciente a negação de diversas outras identidades que aquele mesmo acontecimento lhe permitiria assumir.

A sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma [...]. As sociedades da modernidade tardia, [...], são caracterizadas pela “diferença”; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” – isto é, identidades – para os indivíduos. (HALL, 2006, p.17).

Ainda que apresentado de modo não intencional no discurso de determinado indivíduo, este, ao enfatizar algum fator de diferenciação em outrem, está, ao mesmo tempo, excluindo-o e reafirmando a sua própria identidade como parte de determinado grupo. Logo, a diferença abrange tudo aquilo que está fora/distante de determinada afirmação. Segundo dispõe o professor Tomaz Tadeu da Silva (2004, p. 82): “A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora.”. Identidade e diferença estão entrelaçadas, uma complementa a outra ao estabelecer as relações de pertencimento ou distanciamento.

A pesquisadora Maria do Rosario de Fatima Valencise Gregolin (2008), referindo-se a um entendimento de Foucault, discorre também que as identidades seriam formadas por micros-lutas cotidiana de poder, que objetivam estabelecer verdades. Todavia, como as verdades são históricas (elas não são absolutas, já que se modificam ao longo do tempo e são influenciadas pelos ideais do grupo que detêm o poder em determinado momento) elas geram identidades instáveis e inconstantes, assim como os sujeitos que as assumem.

As identidades são, pois, construções discursivas: o que é “ser normal”, “ser louco”, “ser incompetente”, “ser ignorante”... senão relatividades estabelecidas pelos jogos desses micro-poderes?
[...]

Esse poder, contra o qual os sujeitos se digladiam em micro-lutas cotidianas,

classifica os indivíduos em categorias, designa-os pela individualidade, liga-os a uma pretensa identidade, impõe-lhes uma lei de verdade que é necessário reconhecer e que os outros devem reconhecer neles. É uma forma de poder que transforma os indivíduos em sujeitos. (GREGOLIN, 2008, p. 93 e 94)

Observa-se que assumir uma identidade (posicionando-se como sendo ou pertencendo a algo), apesar de parecer ser uma escolha consciente e espontânea, na verdade é fruto de uma construção discursiva que se firmou na memória social ao longo da e pela história. Vale ressaltar ainda que no grande jogo de identidade não há estabilidade, podendo a identificação e pertencimento identitário a determinado grupo ser assumida ou rejeitada a qualquer tempo. Inclusive a doutoranda em Letras Ciomara Kremsper (2018, p.77), em artigo publicado no e-book da ABRALIC³: “Identidade e diferença: territórios culturais na contemporaneidade”, destaca que é no jogo de atração e repulsa, que se constroem as identidades.

Através da linguagem é possível se observar a manifestação das identidades assumidas pelo sujeito em dado contexto histórico. Conforme pode ser verificado no discurso literário do conto de ficção científica que analisaremos a seguir, há uma transitoriedade de posição-sujeito da personagem viúva entre ser ou não tecnofóbica, quando ela se encontra em uma situação em que a convivência com os seres produtos da tecnologia lhe é imposta.

3 *O carioca*, de Dinah Silveira de Queiroz

O escritor e ensaísta Nelson de Oliveira (2018), também conhecido pelo pseudônimo de Luiz Bras, em um texto introdutório chamado “Ondas do amanhã” presente no livro *Fractais tropicais*, apresenta três diferentes linhas ficcionais: a ficção sobrenatural, a ficção científica e a ficção fantástica.

Na ficção sobrenatural, as pessoas se metamorfoseiam, ficam invisíveis, interagem com os mortos, trocam de corpo, viajam no tempo ou enfrentam criaturas impossíveis por meio de feitiços, maldições e encantamentos, ou seja, graças à magia. [...]

Na ficção científica, as pessoas fazem as mesmas coisas por meio da engenharia genética, da mecânica quântica, da inteligência artificial etc., ou seja, graças à ciência e à tecnologia. [...]

Na ficção fantástica, ao contrário, as pessoas fazem as mesmas coisas extraordinárias graças a nada e ninguém. (OLIVEIRA, 2018, p.10)

Segundo Oliveira o que diferencia as linhas ficcionais supracitadas são justamente os elementos utilizados pelas narrativas para fundamentar o desenrolar dos acontecimentos, ou seja, a magia para justificar a ocorrência dos fenômenos insólitos no sobrenatural, a ciência e tecnologia para respaldá-los na ficção científica e a ausência de qualquer elemento explanatório sobre a situação absurda no fantástico. O autor também aponta que nem sempre esses tipos de ficção serão expressadas de forma pura, podendo ocorrer um hibridismo (mais de uma no mesmo texto).

Nelson de Oliveira (2018) ainda apresenta três características basilares da ficção científica:

³ ABRALIC - Associação Brasileira de Literatura Comparada.

Os aparatos científicos e tecnológicos devem ser o alicerce da narrativa, aqueles que fundamentam o enredo; haverá a presença dos ícones, tipos e estereótipos atrelados de praxe ao tecnocientífico (como o robô, a espaçonave, seres extraterrestres, a máquina do tempo etc.); e também a existência de uma expressiva reformulação social, que culminará em uma distopia ou utopia. Essas características podem ser facilmente encontradas no conto abaixo, que será objeto da nossa análise.

O *Carioca* é um conto escrito pela autora Dinah Silveira de Queiroz (que foi ocupante da cadeira nº 7 da Academia Brasileira de Letras) cuja primeira publicação ocorreu em 1960 na coletânea de contos de ficção científica intitulada *Eles herdarão a Terra*. Mas para este artigo iremos utilizar citações extraídas da segunda edição do livro *Comba Malina* (publicado primeiro em 1969 e depois em 1985).

No conto *O carioca*, a escritora narra a convivência de dois vizinhos em seus novos apartamentos situados no décimo segundo andar de um prédio ainda em construção em Copacabana, na qual ambos tem como única companhia um ao outro. Fator este que faz com que se aproximem.

Como o conto não especifica o ano em que transcorre a narrativa, iremos utilizar as pistas deixadas ao longo do texto e a data de seu lançamento para assumir que os acontecimentos se deram em algum momento durante a década de 60, pois esse período foi marcado pelo crescimento vertiginoso de prédios em Copacabana, local onde se situava a edificação em construção na qual o qual a protagonista vai habitar.

A aspiração de viver em Copacabana, inclusive para as classes sociais menos favorecidas, fez surgir os edifícios com os apartamentos conjugados, de dimensões mínimas, tipo JK, numa alusão às iniciais do presidente Juscelino Kubitschek, mas, na realidade, queria dizer janela e kitchenete. O mais importante bairro da cidade transformara-se numa verdadeira selva de prédios, que se reproduzia de maneira vertiginosa e desordenada. Entre os anos 60 e 70, Copacabana já era um bairro saturado, mesmo assim foram liberados os gabaritos dos prédios para 12 andares, especialmente para hotéis, desaparecendo a visão do contorno das montanhas. (Copacabana.com, 2018)

Copacabana na década de 60 deixou de ser um bairro totalmente elitista, para se tornar um bairro que misturava tradição e modernidade. As mansões começaram a ser substituídas pelos prédios e a classe média começou a ter condições de habitar no bairro. No conto é narrado que a vizinha (que era funcionária pública) e o roboticista tinham acabado de se mudar para o décimo segundo andar de um prédio que ainda estava em processo de acabamento, e pelas descrições feitas pela autora pode-se assumir que ele seria no estilo JK (que é perfeitamente confortável para quem vive sozinho, como é o caso dos personagens do conto).

Retornando à narrativa objeto de análise, os vizinhos se veem forçados a subir os doze andares até seus respectivos apartamentos pela escada, tendo em vista que o elevador está ainda com a eletricidade desligada, oportunizando que os dois se conheçam melhor. Nessa ocasião, ele confirma o fato de que ela é uma viúva e descobre que decidiu morar sozinha pois tinha problemas com a família do seu falecido esposo. Já ela investiga sobre a família e a profissão dele, fator este último que aguça sua curiosidade, por seu mistério em revelá-lo, e lhe causa

confusão após a revelação:

- “Mas o senhor...o que faz?”
- Ele ficou tolhido:
- “Tenho uma atividade pouco comum... Meu trabalho interessa a muito pouca gente. Nem vale a pena contar...”
- “Ao contrário...”
- “É um ramo no qual até hoje nenhuma mulher apareceu.”
- Ela achou que respondeu brilhantemente:
- “Isso não quer dizer que elas não tenham aptidão para apreciá-lo”.
- “Eu me dedico à Cibernética.”
- “Como foi que o senhor disse? Ciber...” (QUEIROZ, 1985, p.119 e 121)

Como pode se observar, no primeiro instante a protagonista apresentou-se apenas como a nova vizinha, sendo agradável mas distante, pois aquela posição era-lhe mais conveniente naquele momento. Todavia, percebendo que o homem que habitava ao lado era solteiro, de boa educação (tendo estudado fora do país) e da mesma classe social que a sua (a narrativa proporciona evidências de que são pessoas de classe média), começou a nascer um certo interesse amoroso pelo mesmo. Com a convivência, ela se revela como sendo viúva deixando claro assim a sua disponibilidade. Isto é, até que o vizinho revela-se como um homem dedicado a tecnologia cibernética, área desconhecida pela viúva, que recebe a notícia com estranheza: - “Como foi que o senhor disse? Ciber...” (QUEIROZ, 1985, p.121) E acaba por gerar um novo distanciamento entre eles.

Depois de dias de estranhamento, o vizinho ficou muito doente, oportunidade que a viúva aproveitou para cuidar do mesmo e descobrir os mistérios da tal profissão que se dedica à cibernética. Fato que não demorou a ser revelado, pois um robô (cuja forma lembrava uma tartaruga) apelidado *Toniquinho* fez sua primeira aparição provocando um grande horror na senhora:

- A viúva não podia sequer gritar. Aquilo era repelente, aquele bicho esquisito, jamais visto, que participava do brilho do metal e festejava com excitação evidente.
- [...]
- “A senhora assustou-se com o pobre Toniquinho.”
- Ela foi baixando os pés sobre o tapete, mas sentiu uma doida vontade de partir. (QUEIROZ, 1985, p.121)

Naquela ocasião a vizinha descobre que o homem é um roboticista, que além de *Toniquinho* possui outras invenções. Mesmo achando o vizinho esquisitão e se sentindo desconfortável junto as criaturas, ela sente piedade do homem e, também por estar solitária, passa a ter um romance com o mesmo.

Na passagem acima conseguimos verificar que duas identidades que emergem da figura da viúva: a tecnofóbica e a de mulher criada por um sistema patriarcal⁴. Quando está na

⁴ Segundo a cartilha *O ABC da violência contra a mulher no trabalho* lançada pelo Ministério Público do Trabalho: *Patriarcado*: O termo remete às chamadas sociedades patriarcais, nas quais o pai teria o domínio e o poder da família e, conseqüentemente, da mulher e filhos. Posteriormente foi adotado por teorias feministas para explicar o

presença da criatura chamada *Toniquinho*, ela demonstra repugnância e medo embora o robô não tenha feito nada que motivasse o mesmo, o que é uma característica da tecnofobia: temor voltado contra produtos da tecnociência.

Segundo o historiador da tecnologia Edward Tenner, no seu livro *A vingança de tecnologia*, a máquina se faz assustadora pelo simples fato de existir. A possibilidade de um problema que sua simples presença suscita, faz o imaginário do ser humano ficar em estado de constante vigilância. Fator este, que gera crescente irritação:

A interface vistosa e mesmo “amigável” de um computador pode esconder um emaranhado fatal de arquivos defeituosos, para não falar em erros de programação. Problemas crônicos, quase que por definição, demandam mais vigilância constante que soluções definitivas; a necessidade de atenção permanente se torna, ela própria, uma irritação crônica. (TENNER,1997, XII)

A tecnofobia vai bem além do mero medo desmotivado pela tecnologia, sendo um temor que tem razões históricas para existir. Os tecnofóbicos pegam exemplos na história da humanidade que demonstrem que a influência da tecnologia na vida humana não é tão benéfica como se imagina. Segundo observa o professor argentino Alberto Cupani no seu livro *Filosofia da tecnologia*, por mais vantagens que a evolução da ciência proporcione, também está enraizada na memória social os malefícios que esta gerou ao longo dos anos.

Essa máquina social, que se prolongou ao longo dos tempos sob diversas figuras, teve aspectos positivos sem os quais não teria perdurado [...]. Mas esses benefícios foram sempre acompanhados por aspectos negativos: guerra, destruição, dominação, exploração do trabalho. (CUPANI, 2017, p.88)

A história guarda em seus registros acontecimentos nos quais os avanços tecnológicos e científicos tiveram impactos negativos, como o uso da tecnologia para fins armamentistas nas guerras mundiais (um exemplo é o desenvolvimento das bombas atômicas que devastaram as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki) e o surgimento de crimes que utilizam a internet como meio de propagação, como o *cyberbullying*⁵ e o *Revenge porn*⁶. Os discursos que surgem após acontecimentos como estes são divulgados amplamente na mídia e nas artes (como cinema e literatura), o que ajuda a construir e consolidar a ideia culturalmente aceita por muitos de que a tecnologia é ruim, fazendo assim emergir uma identidade tecnofóbica (principalmente entre aqueles na realidade não tem maiores conhecimento sobre tecnologia e ciência).

No caso da obra literária em questão, a personagem da viúva nutre esse temor, provavelmente, por intermédio da mídia brasileira e suas retratações das consequências das guerras mundiais, que seria o fato histórico mais marcante na memória da personagem (e da sociedade em que esta vivia), se levarmos em conta que a narrativa do conto supostamente se desenvolve na década de 60. A época influencia o olhar sob determinado objeto. Segundo a

machismo e a condição feminina na sociedade, passando a ser conceituado como um sistema social baseado no controle dos homens sobre as mulheres. (MPT, 2018, p.37)

⁵ Cyberbullying: Assédio virtual.

⁶ *Revenge porn*: Pornografia de vingança.

professora Regina Baracury (2008) a mídia trabalha com um discurso que repete de forma incessante palavras e imagens que doutrinam o seu leitor, provocando assim um *efeito de verdade* sobre aquilo que está sendo dito, ainda mais por aquele fato estar sendo exposto por alguém que possui uma posição de poder, o que o torna ainda mais persuasivo.

Stuart Hall (2006) ao discorrer sobre cultura nacional deixa evidente que está é um discurso que influencia ações e concepções, criando assim identidades:

Uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...]. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que delas são construídas. (HALL, 2006, p.50-51)

De igual modo, a tecnofobia é um medo construído com base em um discurso negativo sobre a tecnologia. Ela consolida-se através de acontecimentos históricos, criando (principalmente nos sujeitos que já tiveram experiências negativas com a mesma ou a desconhecem verdadeiramente, somente tendo escutado sobre suas consequências) uma identificação negativa, e portanto uma identidade tecnofóbica.

Embora a protagonista deseje se afastar das criaturas robóticas, adotando inclusive uma postura tecnofóbica em relação a elas, o fato de continuar a ser uma mulher que vive sozinha em uma meio social no qual o discurso predominante é de que uma mulher para ser respeitável tem que estar sobre a tutela de um homem, a conduzem a decidir por continuar o relacionamento com o vizinho sob o pretextos que as vantagens compensam o sacrifício.

Ele começa a lhe ensinar um pouco sobre cibernética e a viúva finge se interessar para agradá-lo e manter o relacionamento que a cada dia se intensifica, embora o seu desprezo e indiferença pelas criaturas permaneça: “Ela continuava a sentir uma prevenção orgânica, de mulher, por aquelas aberrações. Mas sabia fingir.” (QUEIROZ, 1985, p.121)

Até que o roboticista resolve lhe apresentar a sua maior criação: o *Carioca*. Este robô diferente dos demais lembrava a forma humana e como todo ser vivo buscava o seu próprio bem-estar, por isso quando submetido ao frio buscava uma fonte de calor. Porém, a viúva reagiu com extremo medo perante aquele ser que não era homem, nem animal:

E, majestosamente, o Carioca levantou-se da cadeira.

- “Vou-me embora. Vou já.”

Batiam-lhe os dentes.

- “Bobinha. Não tem confiança...”

[...]

- “Venha ver!”

Ele a arrebatou e ela quase chorava.

No centro da cozinha, o Carioca estava novamente gordo e protegido em suas vestes, parecendo aguardar, tranquilamente, que a temperatura melhorasse no quarto.

Já em seu apartamento, ela foi sofregamente ao armário do banheiro, apanhou o vidro do tranquilizante, que não tomava desde a última briga com o

cunhado e a cunhada, e tomou duas pilulas. (QUEIROZ, 1985, p.125 e 126)

Após este evento, compreendendo o temor da companheira perante o desconhecido o roboticista deixa clara sua intenção de um futuro casamento entre eles, pede que se acostume com suas criações e começa a lhe dar mais lições sobre cibernética. Ela, tranquilizada pela droga, embora não sentisse nada pelo companheiro além de aborrecimento, com um interesse forçado o escutava enquanto sonhava com o casamento e aceitava aquela condição:

Sim, ela começava a compreender. Aquilo não deveria envergonhá-la. Poderia ter até - a questão era aceitar a coisa - orgulho do companheiro. Faria um esforço para “adotar” os seus horrendos filhos cibernéticos, Mesmo porque não havia homem sem estranheza. [...] Agora, nem que fosse a poder de tranquilizantes, ela dominaria sustos e pavores daqueles filhotes eletrônicos. (QUEIROZ, 1985, p.125 e 126)

Quanto mais o vizinho se ocupava os preparativos para o envio de Carioca para o Estados Unidos, local onde ele seria testado para se tornar um dos primeiros robôs viajantes a Marte e Vênus, a vizinha passa mais tempo com suas criações (ao cuidar do apartamento dele) e distante do companheiro que se ausentava cada vez mais, fato que ela sentia com um ressentimento velado.

Com a convivência, ela foi então superando o medo das criações, até mesmo do Carioca, embora não sem certo desconforto. Todavia, um dia a viúva resolveu a fazer experimentos com o mesmo, sentindo um enorme prazer ao ver como ele era impotente perante ela:

Então, ela teve um ato de audácia feminina, ou de inconsequência dada pela droga: deu uma volta, numa violência contra o seu pavor, e puxou totalmente a cadeira. Pensou que o Carioca estivesse, agora, desconjuntado, imprestável. Estava caído, como pneumático velho. Teve um vago prazer e imaginou o que o vizinho diria desse desajeitado teste seu. (QUEIROZ, 1985, p.128)

Porém o mesmo, voltou ao seu lugar na cadeira inteiro e sem maiores problemas. Por isso os testes continuaram: após ela submetê-lo ao frio e soprar no pescoço do robô, este começou a buscá-la sempre que sentia frio, querendo o seu hálito quente (inclusive se tivesse que segurá-la com brutalidade para obtê-lo). Compreendendo que o Carioca estava sobre seu controle, tendo em conta que ela criou um reflexo no mesmo, esta começou a ter um sentimento de posse em relação aquelas criaturas aprofundando sua relação com eles e adentrando mais naquele mundo que outrora tanto temia.

Neste momento há uma reviravolta no enredo, pois a tecnofobia é motivada principalmente pelo medo de se perder o controle da máquina, de que ela se volte contra os humanos, seus criadores. Conforme enfatiza o autor e crítico de ficção científica Isaac Asimov:

À medida em que se reduz o controle do homem sobre a máquina, esta se torna aterrorizante, em grau exatamente proporcional à diminuição desse controle. Mesmo quando o domínio do homem sobre a máquina não se reduz de maneira visível, ou tal acontece a um ritmo excessivamente lento, é simples

tarefa para o espírito inventivo do homem pensar num futuro no qual a máquina sairá totalmente do seu controle. E o temor de que isso irá ocorrer é sentido antecipadamente. (ASIMOV, 1984, p. 190).

Todavia, quando a viúva comprova que pode subjugar aquelas máquinas a sua vontade, quando compreende que ainda detém plenamente o poder que sua condição de humana lhe outorga contra aquelas criaturas inferiores, ela entende que todos os discursos antitecnológicos que habitam a sua memória não são totalmente verídicos. Segundo enfatiza Cupani citando Lacey (2017, p. 190): “O mundo deve se converter em uma totalidade disponível, controlada. E ‘exercemos controle sobre os objetos quando os submetemos deliberadamente e com sucesso ao nosso poder e os usamos como meios para os nossos fins’.”. Portanto, o medo se pautava na angústia sentida pela vizinha de ter perdido o controle sobre a sua própria vida. Todavia, quando o poder é recuperado por ela, a sensação de ameaça cessa e a viúva passa a enxergar as vantagens proporcionadas por aquelas máquinas e a tecnologia parece-lhe mais agradável.

E quanto mais sua confiança aumenta, a tecnofobia vai dando lugar a uma tecnofilia (uma aceitação pelo tecnológico) e ela passa a tratar as criaturas como se fossem seus animais de estimação. Aqui há uma alteração na posição-sujeito da personagem, tendo em vista que na pós-modernidade a estrutura identitária permanece aberta e suscetível de alterações:

Atravessadas pela diferença, produzem uma variedade de diversas posições de sujeito (identidades) e a estrutura identitária permanece aberta. Isso, no entanto, tem aspectos positivos, pois desarticulam-se as identidades estáveis do passado e abrem-se novas possibilidades de articulações, com a criação de novas identidades e a produção de novos sujeitos. (GREGOLIN, 2008, p.84)

Conforme suas experiências positivas com as máquinas vão aumentando, uma nova identidade começa a emergir na personagem da viúva. Mas tal fato não significa que ela será definitiva e a tecnofóbica não irá aparecer novamente. Ela passará a adotar uma ou outra, dependendo do contexto e dos interesses envolvidos.

Todavia tudo muda depois que, em uma noite em que estava esperando pelo vizinho, a viúva continuava fazendo experimentos com o Carioca quando foi pega em flagrante pelo companheiro. Porém ao invés de achar curioso, o mesmo começou a ficar zangado, e a fúria crescia ao ver como cada uma das suas criações procuravam a vizinha e não ele, pois todas as criaturas ficaram dependentes dela. Elas se tornaram viciadas por meio das experiências que a viúva fez e começaram a condicionar suas ações envolvendo-a. E com isso, os dois vizinhos se desentendem e ele sai furioso do apartamento.

Ela até tenta se reaproximar do robocista naquela mesma noite, mas depois de escutar ele no meio da noite, e vê como suas criaturas fazem uma espécie de dança ao seu redor como se reverenciassem um rei, ela retorna em desalento ao seu apartamento compreendendo o que realmente aconteceu: Ele sentia ciúme que suas criações preferissem alguém mais além dele.

Vinha-lhe uma tardia compreensão, alguma coisa que lhe subia à tona; era uma sorte de pré-ciência: “ele não teve ciúmes de homem. Teve ciúmes de pai. Acha injusto que o Carioca *me prefira*, que Toniquinho goste do meu aconchego, que Sepetiba fique em paz só com o toque de minhas mãos.”

(QUEIROZ, 1985, p.132)

No dia seguinte, quando está indo ao trabalho a viúva descobre que foi abandonada, sem mesmo uma despedida apropriada, que o vizinho já estava no aeroporto rumo ao Estados Unidos, o Carioca levado pelo Exército e as outras criaturas sendo transportadas para outros locais e o apartamento sendo desocupado por um estranho que ao encontrá-la lhe pede a cópia da chave que ela possuía em nome do patrão. O conto se encerra com a chegada dos novos moradores ao condomínio. Mesmo repleto de quente vida humana, seres de carne e osso, a vizinha ainda sente-se dolorida e com saudades daqueles seres de um mundo tão diverso do seu.

4 Considerações finais

No final do conto fica evidente a transição identitária ocorrida na figura da viúva, que emergiu à partir do aprofundamento da vivência daquela personagem com aqueles robôs, gerou um processo de identificação dela com os seres artificiais. Essa identidade é constatável através de um discurso que não é mais tecnofóbico ao falar deles, mas sim saudosista e tecnofílico, pois a convivência lhe proporcionou a experiência de conhecer uma outra faceta da tecnologia que até então lhe era distante.

Com base no exposto, é constatável que o discurso literário presente no conto *O carioca* apresenta a personagem da viúva como um retrato cristalino do sujeito pós-moderno, com toda a sua fragmentação/multiplicidade identitária, que é marcada pela instabilidade e por seu caráter temporário (a depender do que é de interesse e conveniência em dado momento). E ainda, que não é possível se falar de identidade, sem considerar a diferença, a linguagem e o papel da história na sua construção.

Vale ressaltar também que os acontecimentos vividos não garantem que a personagem nunca mais adote uma posição de sujeito tecnofóbica em relação a outros seres cibernéticos, pois conforme enfatiza Gregolin (citando Bauman):

“[...] a identidade é um efeito de pertencimento que tem em sua raiz o paradoxo da instabilidade: os lugares contemporâneos são permanentemente deslocados pelas máquinas de informação e, por isso, é impossível fixar-se rigidamente em um território identitário único. (GREGOLIN, 2008, p. 87).

Logo, embora no momento a personagem tenha aderido a uma identidade tecnofílica, ela pode a qualquer momento se distanciar da mesma e retorna a tecnofóbica.

Referências

A *História De Copacabana, Rio De Janeiro, Brasil*. Disponível em: <http://copacabana.com/historia-de-copacabana-1/>. Acesso em: 04 Jan 2019.

ASIMOV, I. *No mundo da ficção científica*. Tradução de Thomaz Newlands Neto. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

BARACUHY, R. A produção discursiva da identidade nordestina no gênero propaganda turística. *Revista Linguagem*. 3. ed., 2008. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguagem/edicao03/artigos_baracuhyp.php>. Acesso em: 02 Jan 2019.

BAUMAN, Z. *A cultura no mundo líquido moderno*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CUPANI, A. *Filosofia da tecnologia: um convite*. 3. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2017.

GREGOLIN, M. R. Identidade: objeto ainda não identificado? *Estudos da Língua(gem)*, v.6, n. 1, p.81-97, 2008. Disponível em: <<http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/88/190>>. Acesso em: 10 Jul 2018.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 11.ed. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2006.

MPT. *O ABC da violência contra a mulher no trabalho*. Disponível em: <http://portal.mpt.mp.br/wps/wcm/connect/portal_mpt/bd1cb809-3ac5-4fd1-891a-344bbfac4d65/cartilha_violenciagenero.pdf?MOD=AJPERES&CONVERT_TO=url&CACHEID=ROOTWORKSPACE.Z18_395C1BOOK89D40AM2L613R2000-bd1cb809-3ac5-4fd1-891a-344bbfac4d65-mtBHAoo>. Acesso em: 20 Janeiro 2019

OLIVEIRA, N. *Fractais tropicais: o melhor da ficção científica brasileira*. São Paulo: Sesi-SP editora, 2018.

QUEIROZ, D. S. *Comba Malina*. Coleção Prestígio. 1. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.

SANTOS, J. F. *O que é pós-moderno*. Ed. Brasiliense: São Paulo, 1986

SILVA, T. T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. SILVA, T. T. (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

TENNER, E. *A Vingança Da Tecnologia: As Irônicas Consequências Das Inovações Mecânicas, Químicas, Biológicas E Médicas*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

Recebido em: 25/08/2019

Aceito em: 11/10/2019